

EMPREGO DE NÓS E A GENTE NO PREENCHIMENTO DO SUJEITO EM COCAL-GO

Adélia Freitas da Silva¹

RESUMO

Este artigo apresenta aspectos da variedade linguística de Cocal-GO. A partir do reconhecimento da comunidade linguística em questão, da revisão teórica e utilizando as teorias sobre funcionamento da língua em contexto de uso real, discute-se o comportamento linguístico dos cocalenses no que se refere ao emprego da primeira pessoa plural do pronome pessoal do caso reto “nós” em detrimento ao uso de “a gente” exercendo a mesma função sintática. Diz ainda sobre a relação e influência do emprego da flexão verbal e a seleção do pronome a ser empregado como sujeito. Ainda, aborda-se a questão do preconceito linguístico sofrido pelo falante que não domina a norma culta da língua e, por esse motivo, usa como estratégia de comunicação o recurso da omissão da flexão verbal dispensada no uso de “a gente” no lugar de “nós”.

Palavras-Chave: Emprego de “nós” e “a gente”; Flexão verbal; Preconceito linguístico.

INTRODUÇÃO

Objetiva-se, neste artigo, apresentar o comportamento linguístico do cocalense no que se refere ao emprego de “nós” e “a gente” com função de sujeito, numa abordagem sociolinguística. Este estudo se justifica pelo fato de poder contribuir para o conhecimento da língua sobre variedades rurais e fornecer subsídios para o conhecimento do Português brasileiro.

Escolhemos investigar as regras de uso de “nós” e “a gente” nessa comunidade, por observarmos, durante nossa pesquisa de campo, que a faixa etária mais alta monitorava menos a fala no que se refere ao emprego do pronome “nós” que os jovens em idade escolar.

Cocal está situada no município de Niquelândia, a 375 km de Goiânia, no interior de Goiás e possui mais de dois séculos de história, portanto, com possibilidade de estar sofrendo influências extralinguísticas peculiares.

A motivação para a realização da pesquisa se deu em sala de aula ao verificar que alunos oriundos do êxodo rural sofriam preconceito devido ao desprestígio da variedade linguística que portavam. Esses alunos apresentavam séria “dificuldade” de aprendizagem da norma culta da língua. Como professora de Língua Portuguesa, quisemos investigar as causas subjacentes a tal “dificuldade”. Procuramos, então, conhecer outras variedades rurais para, a partir desse levantamento, selecionar, dentre elas uma que pudesse representar tantas outras comunidades rurais situadas em Goiás.

¹ Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.
Adeliacultura1@hotmail.com

Assim, Cocal foi eleito por ser considerada uma comunidade capaz de atender às necessidades de observação quanto ao uso da língua em contexto rural.

Os dados utilizados nesse estudo foram retirados da nossa dissertação de mestrado defendida em 2003 com o título, Descrição de aspectos da variedade linguística de Cocal-GO: uma perspectiva funcionalista. Para me apoiar teoricamente busquei sustentação teórica em Halliday (1986), Moura Neves (2000-2001), Duarte (1995), dentre outros. Os estudos de Lüdke (1986); Nunan (1992a – 1992b) serviram-nos de apoio metodológico e para entender a história de vida dos cocalenses que possuem uma cultura centenária, buscamos informações nos registros de Cunha Mattos (1824); Bertran (1998); Pedroso (1994) e Palacim & Moraes (1994).

Para verificar o fenômeno, foi levantado o seguinte questionamento: Tendo em vista que o português do Brasil é do período moderno clássico e considerando as comunidades rurais como portadoras de relativo estado de conservação linguística (Castilho, 1994) e, por outro lado, descendente de línguas românicas (PE), como se dá o emprego de “nós” e “a gente” na posição de pronome-sujeito na comunidade linguística de Cocal ?

Para responder a questão, optou-se por desenvolver o trabalho lançando mão da pesquisa bibliográfica seguida de pesquisa de campo, do estudo de caso, dos paradigmas qualitativo e quantitativo com predomínio do método dialético. O corpus principal desse estudo é composto por 15 horas de gravação realizadas em fita cassete ao longo de 1999 a 2003. Com base no senso de 1823-1824, Cunha Mattos (1979) e dados do IBGE, elaborou-se um mapa que serviu de bússola para a realização do trabalho de campo. Estima-se que em Cocal (Durante o período em que se realizou a pesquisa) residam 428 indivíduos dos quais selecionamos aleatoriamente 108 pessoas, das quais selecionamos, também aleatoriamente, 10 casais nas seguintes faixas etárias: 15-20, 21-30, 31-40, 41-50, 51 e mais. Usamos siglas representando os nomes das pessoas e preservando-lhes a identidade.

Como procedimentos metodológicos, utilizamos três recursos: entrevista, gravação em fita cassete e observação não participante com anotação em diário de campo. Cabe dizer que os sujeitos participantes dessa pesquisa correspondem a vinte pessoas selecionadas por sexo e faixa etária. Quanto à categorização dos dados, primeiramente, destacamos os verbos a fim de

levantar o número de orações realizadas no corpus. Em seguida, observamos o comportamento da flexão verbal, a posição ocupada pelo pronome com função de sujeito e a realização fonética, nula ou correferencial do pronome em contexto frasal ou textual.

Para discutirmos os dados linguísticos em questão, buscamos apoio no teste Chi Quadrado, modelo adotado para a quantificação e formalização dos dados. O procedimento do teste Chi Quadrado realizado nesse trabalho é o seguinte: Inicialmente levantamos a questão de que “nós” e “a gente” apresentam-se em estado de concorrência na variedade linguística de Cocal. Parece que com a diminuição de frequência de “nós” em função da inserção do uso de “a gente” ocorre distanciamento de “nós” nas faixas etárias mais baixas sugerida no corpus. Com base no conjunto de frequências observadas nas tabelas 6 e 7 (expostas na seção 3) acerca de “nós” e “a gente”, estabelecemos a comparação da ocorrência de um e de outro conjunto de frequências com os quais verificamos a veracidade da questão. Sendo assim, buscamos nos dados observados através da medida de distância chamada Chi Quadrado, respaldo quantitativo considerado por nós, pertinente nesse trabalho.

De acordo com as orientações do paradigma de pesquisa qualitativa etnográfica, a análise das gravações e do protocolo de ficha social, bem como as notas de campo e observação informal da língua em contexto de uso real, foi possível visualizar o ponto de vista dos falantes que emana do corpus.

O uso de nós e a gente na variedade linguística de Cocal

Em um total de 2.415 ocorrências de sujeito preenchido, 305 expressam a primeira pessoa do plural e são preenchidos ou por nós ou por a gente. Deste total, 197 ocorrências são preenchidas pelo sintagma nominal “a gente” e 108 pelo pronome “nós”.

Quadro 1: Ocorrência de nós e a gente

Preenchimento do sujeito		Total
nós	108	108
a gente	197	197
total		305

O sintagma nominal “a gente” representa 64,59% do total de ocorrência e o “nós” 35,40%. A diferença entre as duas possibilidades é de 89 ocorrências, o que representa um percentual de 29,2%.

O pronome de primeira pessoa do plural “nós” é usado também para se referir à família, à comunidade, ao grupo religioso ou a um grupo específico de algum seguimento social conforme exemplificam os fragmentos, a seguir.

Fragmento 5:

*Na hora qui cê ficá lá dibaxo dus manguêru, **nóis** (os membros da família) leva café, cumê tudu lá pr'ocê. LUP (2000).*

Fragmento 6:

***Nóis** aqui (em Cocal) ia di a cavalu pá Niquelândia. JUL (1999).*

Fragmento 7:

***Nóis** (grupo religioso) quais num benzi mais nãu. Mutilus aqui tá trocenu agora é pus adventista. FRA (1999).*

Fragmento 8:

***Nóis** (o grupo que estuda) gosta é da mudernidadi. Issu (as lendas) é bestera dus antigu, dus troncu mais véi. MAR (2000).*

Observou-se também que “nós” nessa comunidade aparece, com certa frequência, acompanhado de advérbio de lugar, talvez, como recurso de diferenciação de uma comunidade da outra. Assim, é comum ouvir o seguinte

emprego de “nós” em Cocal: “nóis cá” em oposição a “ês lá”, os falantes de outras comunidades vizinhas.

O emprego do sintagma nominal “a gente”, em Cocal, se mostra semelhante ao emprego de “nós”, no que se refere ao tema da conversa. Assim, temos o emprego de “a gente” para se referir à família, à comunidade, ao grupo religioso ou a um grupo específico de algum seguimento social, conforme apontam os fragmentos de entrevistas, a seguir.

Fragmento 9:

*Negoçu di Índio, muitas veiz **a genti** (a família) via assim... ês mesmu a genti num chegô a vê nãu, mais a arti qui ês fizessi aqui, a genti já viu. CID (2000).*

Fragmento 10:

***A genti** (a comunidade) aqui no Cocal é pôcus qui tinha leitura. LUP (1999).*

Fragmento 11:

***A genti** (grupo religioso) faiz u terçu di São João lá nu Baianu. FAB (2000).*

Fragmento 12:

*Intãu, **a genti** (o grupo não escolarizado) qui num teim u istudu, a genti...teim hora qui a genti passa apertadu, né. Intãu, a genti vive só através da... da plática, né...É bãu, mais a genti senti falta du istudu. VAL (2000).*

Através de verificação do corpus e de observação em campo, nota-se que, em situações de maior espontaneidade, o emprego de “a gente” supera o uso de “nós”, o que nos leva a pensar que a temática não influencia o emprego das variantes, mas a situação e o estilo sim. Observa-se uma sutil motivação estilística e temática para a escolha de “a gente” no lugar de “nós”.

No que refere ao ambiente linguístico, de acordo com a estrutura das orações constantes dos fragmentos acima, podemos notar que não há motivação estritamente gramatical para a ocorrência de uma ou de outra variante, as duas ocorrem nas mesmas estruturas sintáticas – cláusulas/sentenças – porém, com alternância, pois há ocorrência das duas, com maior frequência registrada no emprego de “a gente”. Entendemos, então, que o maior favorecedor da maior frequência de “a gente” na variedade

linguística de Cocal não é a estrutura gramatical – possivelmente sejam o contexto de situação e o estilo de discurso – exceto pela concordância sujeito/verbo variável na variedade linguística dos cocalenses.

Interpretação dos resultado

Os falantes cocalenses empregam mais “a gente” no lugar de “nós”. Esse comportamento linguístico é muito recorrente em Cocal com 34,5% de ocorrência na faixa etária mais baixa e 4,6% na faixa etária mais alta. Isso indica que o jovem falante, em questão, está se distanciando do emprego do pronome “nós” com função de sujeito e se aproximando, de maneira gradativamente crescente, do emprego de “a gente” para realizar a função sintática de sujeito na fala cotidiana. O percentual da diferença de uso do emprego de “a gente” e “nós” entre a faixa etária mais alta e mais baixa é de 29,9 %.

Assim, temos que, entre as duas possibilidades de emprego dos pronomes em questão, os falantes mais velhos empregam “nós” e, os falantes mais jovens preferem empregar “a gente”. Para melhor visualizar essa questão, optou-se por exibir as tabelas 6 e 7. Os dados das tabelas estão agrupados por gênero masculino (masc) e feminino (fem) e por faixa etária: 1 (15-20 anos), 2 (21-30 anos), 3 (31-40 anos), 4 (41-50 anos) e 5 (mais de 51 anos).

Tabela 6 : Uso de “a gente” com função de sujeito por sexo e idade

A Gente (%)			
Faixa Etária	Masc	Fem	Total
1	40,3	23,5	34,5
2	17,1	39,7	24,9
3	31,0	14,7	25,4
4	9,3	13,2	10,6
5	2,3	8,8	4,6
Total	100	100	100

Tabela 7 : Uso de “nós” com função de sujeito por sexo e idade

Nois (%)			
Faixa Etária	Masc	Fem	Total
1	6,3	15,9	10,2
2	15,6	11,4	13,9
3	31,3	27,3	29,6
4	20,3	13,6	17,6
5	26,6	31,8	28,7
Total	100	100	100

De acordo com os dados dessas tabelas, a preferência maior do emprego de “a gente” no lugar de “nós” em função de sujeito se apresenta entre os falantes mais jovens. Em Cocal, os falantes mais jovens são os que possuem maior grau de escolaridade e os mais velhos possuem pouca ou nenhuma escolaridade.

O fato de os falantes mais velhos empregarem mais “nós” que “a gente” pode ter como base o desconhecimento das regras da gramática prescritiva ensinada na escola no que se refere à flexão verbal, pois, segundo informação dos entrevistados, o ensino formal existente em Cocal na época em que os falantes mais velhos tiveram acesso à escola, preocupava-se, quase que exclusivamente, em ensinar o processo de identificação e emprego das letras do alfabeto a fim de possibilitar aos alunos o registro gráfico de seus próprios nomes. Assim, os falantes mais velhos dessa região, utilizam o emprego de “nós” sem se preocuparem em empregar a flexão verbal exigida na efetivação do emprego de “nós”, ou seja, o uso de “nós” com verbo flexionado.

Quanto às faixas etárias intermediárias (2 e 4 expostas nas tabelas 6 e 7, observamos que esses falantes apresentam um comportamento de distanciamento do uso do emprego de “nós” em direção ao uso do emprego de “a gente” partindo da faixa etária mais alta para a faixa etária mais baixa. A

nosso ver, o emprego de “nós”, com função de sujeito, vem perdendo espaço para o emprego de “a gente” com a mesma função sintática, nessa variedade linguística.

O processo de competição entre as duas possibilidades de emprego do pronome em questão com função de sujeito apresenta tendência à possibilidade de futura suplantação de “nós” por “a gente”. No que se refere à variável faixa etária, a frequência de “a gente” é mais alta que a frequência de “nós” nessa comunidade linguística, e essa diferença está correlacionada com a variável idade.

Os dados apontam para um aumento de emprego de “a gente” e “nós” com função de sujeito na faixa etária 3. De acordo com a análise do corpus, os cocalenses mais velhos tendem a empregar mais sujeitos nominais que os falantes das outras faixas etárias e os falantes mais jovens tendem a usar sujeito com correferência textual, logo, o fato de os falantes da faixa etária 3 apresentarem um aumento no emprego de “nós” e “a gente” tem como base o índice menor de emprego de sujeitos nominais, assim como, sujeitos com correferência textual.

As observações informais realizadas em pesquisa de campo mostram que os falantes da faixa etária 3 de ambos os sexos exercem funções administrativas no contexto familiar. São eles que tratam dos assuntos considerados mais importantes nessa comunidade como, atos de negociações, decisões relativas às questões políticas, sociais e religiosas. Sendo assim, acreditamos que o acréscimo de emprego de “a gente” e “nós” apresentados nessa faixa etária se dá, também devido ao papel de líderes que esses falantes desempenham nessa comunidade, pois, tendem a se referirem ao grupo que representam quando prestam entrevistas.

Quanto à variável sexo, constatamos que, na variedade linguística de Cocal, o homem utiliza mais “a gente” que a mulher e a mulher utiliza mais “nós” que o homem, conforme apontam os dados das tabelas 6 e 7. A porcentagem de diferença de uso do emprego de “a gente” e “nós” entre os dois sexos é de 36,4%.

O fato de as mulheres cocalenses utilizarem mais “nós” que os homens, se dá por estas serem mais zelosas pela variedade padrão que os homens. Tal zelo pode estar relacionado ao fato de as mulheres, dessa comunidade,

estarem mais expostas às influências linguísticas transmitidas pelo rádio que o homem. Esse fenômeno pode estar relacionado à posição geográfica em que ocorrem as atividades ocupacionais dos diferentes sexos. As mulheres cocalenses permanecem mais tempo em casa e possuem o hábito de desenvolver suas atividades domésticas ouvindo programações oferecidas pelo rádio. Por outro lado, o homem cocalense se ocupa com o trabalho do campo longe da influência linguística transmitida pelo rádio.

A mulher cocalense se ocupa mais com leitura que o homem dessa comunidade. Observamos que as mulheres tendem a ler mais as informações contidas nas orientações de uso de produtos como: medicamentos, cosméticos, receitas culinárias dentre outros. O homem cocalense, por sua vez, tende a utilizar os produtos agropecuários, em suas atividades no campo, sem conferir as indicações de uso contidas nas embalagens. Isso sugere que o homem cocalense sofre maior resistência a inovações linguísticas que a mulher dessa comunidade. Durante observação em pesquisa de campo, notamos que as mulheres se apresentavam mais atentas ao emprego de expressões próprias da variedade formal.

O emprego de “nós” em Cocal é tido como expressão prestigiada, portanto, o emprego de “nós” vem atender à necessidade da mulher cocalense em sua necessidade de aproximação da variedade prestigiada. Segundo Romaine (1994), as mulheres tendem a usar um mais alto status de variante com maior elaboração semântica que os homens. Com base nesse estudo, podemos dizer que Cocal não foge à regra o que corrobora com a afirmação de Romaine (1994). As mulheres das faixas etárias mais alta empregam mais “nós” que as mulheres da faixa etária mais baixa. Tal fenômeno se dá devido ao fato de as mulheres de faixa etária mais baixa serem mais abertas a inovações e “a gente”, nessa comunidade, é considerado como fator de inovação.

Os homens cocalenses, pertencentes à faixa etária 3 e 4, empregam mais “nós” que as mulheres das mesmas faixas etárias. Esse fato sugere uma certa resistência à variação por parte dos homens nessa faixa etária em detrimento à idade dos outros cocalenses. Talvez, essa provável resistência se dá devido ao fato de que, sobre os homens cocalenses dessa faixa etária, pesa mais a responsabilidade de estabelecer contato de natureza comercial que, por

seu turno, prioriza a aproximação da variedade padrão a qual prestigia o emprego de “nós” em detrimento de “a gente”. Além do mais, o homem nessa comunidade, cumpre um papel de chefe de família e, ao que parece, o uso de emprego de “nós” lhes confere status requerido pelo posto de chefe familiar que ocupam.

Constatamos que há um aumento do uso do emprego do sintagma nominal “a gente” entre os informantes mais jovens, e isso para os dois sexos. No sentido inverso, constatamos que há uma preferência dos informantes mais velhos pelo emprego do pronome “nós”. Dessa forma, afirmamos que em Cocal, “nós” e “a gente” se apresentam em estágio de concorrência com tendência crescente para a diminuição de “nós”. Tal afirmação corrobora com o ponto de vista de Tarallo (1990).

Nos estudos de Moura Neves (2000), o emprego de “a gente” no lugar de “nós” é uma realidade na linguagem coloquial do PB. Sendo assim, cumpre dizer que Cocal, uma variedade rural em relativo estado de conservação, apresenta o mesmo comportamento lingüístico percebido por Moura Neves no PB.

A seguir, enumeramos os resultados obtidos através do teste quantitativo empregado nesse trabalho.

1.No que se refere à comparação das frequências dos pronomes “nós” e “a gente”:

a)É significativamente maior o uso de “a gente” do que o de “nós” entre os informantes de faixa etária 15-20 anos.

b)Nas demais faixas etárias não há diferenças significativas entre as frequências de “a gente” e “nós”.

2. No que se refere à comparação das frequências de “nós” entre as diversas faixas etárias:

a) Não há diferenças significativas na preferência de homens e mulheres em relação ao emprego do pronome “nós” entre as diferentes faixas etárias.

Ou seja, homens e mulheres escolhem esse pronome com igual proporção.

b) O emprego de “nós” é muito mais frequente nos entrevistados das faixas etárias mais alta, sendo muito pequeno entre os informantes da faixa etária de 15 a 20 anos, principalmente entre os homens.

3. No que se refere à comparação das frequências de “a gente” entre as diversas faixas etárias:

a) Há diferenças significativas na preferência de homens e mulheres em relação ao emprego do sintagma nominal “a gente” entre as diferentes faixas etárias. Os homens utilizam mais essa forma do que as mulheres.

b) O emprego do sintagma nominal “a gente” é muito mais frequente entre os informantes da faixa etária mais jovem e muito reduzida entre os informantes mais velhos.

c) Dessa forma, podemos considerar significativas as diferenças encontradas nessa amostra com nível de confiança menor que 5%, de acordo com o teste aplicado Chi Quadrado.

Os dados mostrados pelo teste Chi Quadrado apontam para o fato de que, em Cocal, o preenchimento do sujeito se faz mais com “a gente” do que com “nós”. Isso aponta para a possibilidade de, no futuro, “a gente” vir a suplantam “nós”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Cocal, de fato, o nominativo “a gente” tem concorrido com o pronome “nós”. Os dados sugerem que a variedade linguística de Cocal passa por um momento de “enfraquecimento” da flexão verbal, pois, o aumento do emprego de “a gente” implica no decréscimo do emprego da flexão verbal. Por outro lado, o decréscimo da flexão verbal faz com que os pronomes, em questão, exerçam a função de informar pessoa, número e gênero, o que é de responsabilidade do verbo quando esse é flexionado.

Há uma correlação entre o uso de “a gente” e as variáveis, idade e sexo. O sintagma nominal “a gente” nessa comunidade linguística possui um significado social de inclusão do falante no contexto social do meio rural. Crianças em fase de aquisição da linguagem, assim como os jovens estudantes, especialmente os oriundos da zona rural, podem apresentar sérias dificuldades de aprendizagem da língua oficial, por não conseguirem estabelecer relação entre a variedade falada e “a outra língua” ensinada na escola.

O conflito gerado por tais “dificuldades de aprendizagem da forma padrão da língua” chega a comprometer a qualidade de vida do falante no que se refere às suas inter-relações sociais, o que justifica esse estudo, pois as regras de uso empregadas nas modalidades oral e escrita no PB, especialmente nas variedades rurais, requerem uma reavaliação da prática pedagógica e revisão multifuncional do conceito gramatical, conforme propõem Braggio (1998); Bagno (2001); Ilari (2000) e outros, sob pena de a escola funcionar como instrumento de desprestígio da língua, uma vez que a língua é a expressão máxima da identidade do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BERTRAN, P. **História de Niquelândia**. Do distrito de Tocantins ao Lago da Serra da Mesa. 2. ed. Brasília (DF): Verano, 1998.
- BRAGGIO, S. B. Contato entre Línguas: Subsídios para a Educação Escolar Indígena. **Revista do Museu Antropológico da UFG**. v. 1, n. 1, p. 121-133, 1998.
- CASTILHO, A. T. de. **Problema de descrição da língua falada**. *D. E. L. T. A.*, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994.
- CUNHA MATTOS, R. J. da. **Chorografia histórica de Goyas**. Goiânia, 1979.
- DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. Variação e sintaxe. 1995. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, UNICAMP, São Paulo.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as a Social Semiotic**. The Social Interpretation of Language and Meaning. Londres: University Park Press, 1986.

IBGE, **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000**. Malha Municipal Digital do Brasil, 1997.

ILARI, R. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOURA NEVES, M. H. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNAN, D. (Ed.). **Collaborative language learning and teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992a.

NUNAN, D. (Ed.). **Research Methods in Language Learning**. New York: Cambridge University Press, 1992b.

PALACIN, L. & MORAES, M. S. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1994.

PEDROSO, D. M. R. **O Povo Invisível**: a história dos Avá-Canoeiros nos séculos XVIII e XIX. Goiânia: UCG, 1994.

ROMAINE, S. **Language in Society**: an introduction to Sociolinguistics. Oxford: Oxford University Press, 1994. 235 p.

SILVA, Adélia Freitas de. **Descrição de aspectos da variedade linguística de Cocal-GO**: uma perspectiva funcionalista (2003). Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

TARALLO, F. **Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

Recebido em 24 de maio de 2013.

Aprovado em 06 de junho de 2013.